Mulher, militante e agricultora: estudo de caso de uma liderança referência em agroecossistemas agroecológicos no PA Mártires de Abril, Belém - PA.

Women, leadership and farmer: case study of a reference leadership in agroecological agroecosystems, in PA Mártires de Abril, Belém - PA.

NOGUEIRA, Ludmila da Rocha[1]; FAYAL, Jardiane de Moraes[2], SILVA, Luis Mauro Santos[3]

[1] UFPA/PPGAA, luddmilarn@gmail.com; [2] UFPA/PPGAA, jardy.fayal@yahoo.com, [3]UFPA/INEAF/PPGAA, lmsilva@ufpa.br

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica.

Resumo: Este estudo buscou compreender como uma liderança feminina lida, ao mesmo tempo, com a gestão de uma Unidade Agroecológica de Referência, no Projeto de Assentamento “Mártires de Abril”, no município de Belém, distrito da ilha de Mosqueiro. Utilizou-se uma adaptação do MESMIS (*Marco para Evaluación de Sistemas de Manejo de Recursos Naturales Incorporando Indicadores de Sustentabilidad)* para a avaliação de sustentabilidade. Também se fez uma caminhada transversal com o uso de fotografias; e uma conversa aberta com a liderança. Os dados foram sistematizados e utilizados em representações gráficas sobre o agroecossistema. “Dona Téo” surge como uma força de mudança do sistema patriarcal e do sistema produtivo patronal, pautada em uma ideologia de vida dela com o marido, onde tinham um sonho de conquistar seu lugar, produzir alimentos saudáveis, e fazer de sua propriedade uma inspiração agroecológica, contribuindo na luta contra o monocultivo e o capitalismo, através de uma produção agroecológica para todos.

Palavras-chave: gênero; diversidade; amazônia; sustentabilidade.

Introdução

No contexto contemporâneo da agricultura familiar, a mulher ainda é vista com preconceito e tendo suas atividades limitadas, sendo muitas vezes, definida apenas como “ajudante”, invisibilizada dentro da divisão social do trabalho no campo, prevalecendo mais uma vez a sociedade patriarcal e capitalista onde o homem é a figura principal da unidade de produção, como se a mulher não fosse protagonista nas tomadas de decisão e gestão da propriedade (MENDONÇA; MARQUES, 2018). Dentro dos princípios agroecológicos, a mulher precisa ter a seu protagonismo evidenciado, pois em diversos contextos ela acaba assumindo dupla e até tripla jornada, como liderança, gestora e mãe. E este reconhecimento tem permitido que elas tenham o seu espaço reconhecido e ampliado, além da questionável visão da mulher como coadjuvante (MENDONÇA; MARQUES, 2018).

Desse modo, as dinâmicas de inovações agroecológicas são capazes de promover o empoderamento das mulheres, mas para isso é necessário que haja uma maior valorização dos espaços em que elas atuam, tendo em vista que, as relações desiguais de gênero são um entrave para o avanço da agroecologia, pois “sem feminismo não há agroecologia” (FERREIRA e MATTOS, 2017).
Nesta linha de análise, este estudo de caso se dedicou em compreender como uma liderança feminina lida, ao mesmo tempo, com a gestão de uma Unidade Agroecológica de Referência, no Projeto de Assentamento “Mártires de Abril”, no município de Belém, distrito da ilha de Mosqueiro.

Metodologia

A pesquisa se deu a partir da disciplina intitulada “Avaliação da sustentabilidade de agroecossistemas familiares”, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Familiares da UFPA/INEAF/PPGAA, realizada no Assentamento Mártires de Abril, criado no ano de 2001 e localizado na Ilha de Mosqueiro, distrito de Belém/PA. Apesar de Mosqueiro fazer parte da capital paraense, possui características rurais, como a agricultura, extrativismo e a pesca artesanal (ABE, 2004). Os lotes de produção familiar do assentamento têm em média 3,6 hectares (ha) sendo caracterizados como minifúndios, como destaque, o estudo de caso foi no lote conhecido como LAPO (Lote Agroecológico de Produção Orgânica), tendo como proprietária a agricultora e liderança feminina, Teófila Nunes ou “Dona Téo”.
O estudo foi realizado por meio de revisão bibliográfica e documental sobre o assentamento, sobre o LAPO e sobre a mulher como liderança no meio rural, além de uma avaliação da sustentabilidade do agroecossistema em estudo.
Utilizou-se uma adaptação da metodologia MESMIS (LÓPEZ-RIDAURA, MASERA, & ASTIER, 2002) por meio da aplicação de questionário com perguntas abertas e fechadas sobre o perfil histórico da família, perfil sociocultural, a unidade de produção, indicadores técnicos de manejo, aspectos econômicos e de mercado, sendo possível explorar as dimensões social, técnico-econômica e ambiental. Tendo como base o valor máximo de 10 e mínimo de 0 para cada dimensão, onde que o valor que estiver mais próximo de 10, indica maior grau de sustentabilidade no agroecossistema.
Também foi realizada uma caminhada transversal, que consistiu em percorrer o lote junto com a agricultora e a observação de sua propriedade, além do uso de fotografias e uma conversa aberta com a liderança. Os dados foram sistematizados (Microsoft Excel), sendo possível a criação de representações gráficas e tabelas para melhor visualização e entendimento.

Figura 2: Momentos de reuniões e visitas de estudantes no Assentamento Mártires de Abril e Dona Téo na entrada do LAPO.

Fonte: Pesquisa de campo (2022).

Resultados e Discussão

A criação do Lote Agroecológico de Produção Orgânica (LAPO), hoje administrado por Teófila Nunes, parte de um histórico mais antigo, desde a sua chegada junto de seu marido Mamede no Assentamento Mártires de Abril localizado em Mosqueiro e criado pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Chegaram na cidade com o objetivo de se territorializar e produzir alimentos saudáveis e assim, a partir dos conhecimentos adquiridos e a busca por novas informações, passaram a incentivar e viver de um modo de vida agroecológico.

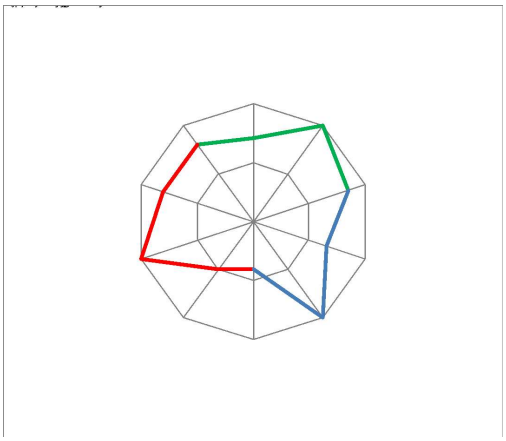
Em 2010 criaram o LAPO que foi o primeiro estabelecimento a introduzir uma experiência de base agroecológica pelo MST no Estado do Pará (DA SILVA, 2012). Dona Téo e seu marido tinham como objetivo mudar o sistema e das formas de produção no campo, surgindo como uma “lapada” no sistema e na burguesia de Mosqueiro, além de mostrar que os sem-terra não só ocupam terras, mas também possuem a capacidade de produzir alimentos saudáveis.

Com a morte de seu companheiro Mamede em 2012, Dona Téo passou a cuidar sozinha do estabelecimento, porém, durante a sua jornada ela se tornou uma liderança muito forte, formou-se em pedagogia e fez especialização em agricultura familiar pelo INEAF/UFPA, uma formação mais técnica para auxiliá-la a cuidar do lote após o falecimento de seu marido. Sendo assim um estaque entre as lideranças femininas dentro e fora do assentamento.

Em certa medida, a nota de sustentabilidade geral do sistema de dona Téo foi de 7,3/10,0 (Figura 2), que mostra uma certa sobrecarga de atividades enfrentada pela gestora, explicando o atual estado de sustentabilidade em que o sistema LAPO se encontra. Esta situação de frequente ausência da liderança em seu lote, faz com que sejam necessárias estratégias para a manutenção de seu sistema, dessa forma, é realizada a contratação temporária de mão-de-obra de vizinhos assentados

para realizar atividades que ela não consegue executar, como por exemplo a capina e a colheita dos produtos.
Porém, Dona Téo precisa ficar fora de seu lote por diversos dias por conta de seu trabalho dentro da militância e quem fica responsável por toma conta de sua propriedade são pessoas de fora da família, em que o manejo realizado nem sempre é feito da maneira que ela gostaria, o que contribui significativamente na preocupação constante quando ela está fora do lote e interfere diretamente no funcionamento do sistema e em seu modo de vida.

Figura 2: Comportamento dos indicadores de Sustentabilidade no Agroecossistema LAPO.

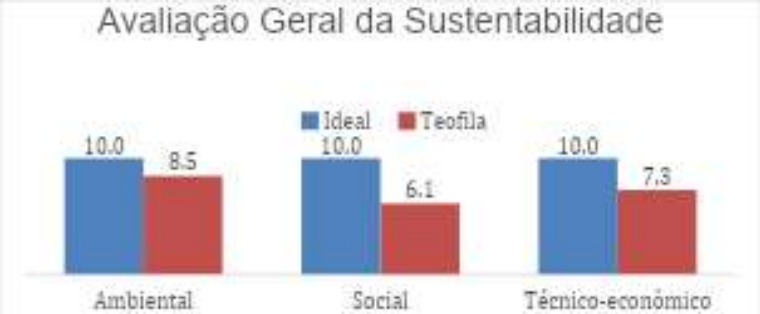


Fonte: Pesquisa de campo (2022).

Atualmente, seu projeto de vida se confirma nas ações estratégicas que ela e seu marido desenvolveram durante os anos vivendo no lote, podemos citar: criação do horto medicinal e ornamental, aviário, sistema agroflorestal, apicultura, casa com espaço de formação, poço artesiano, viveiro de mudas, tanques para peixes e viveiro coletivo.
Seu lote possui 4 ha, entretanto, no momento atual ela trabalha apenas em 2 ha, realiza poucas modificações e inovações dentro de seu sistema, por conta de sua idade e falta de mão de obra, ela apenas mantém o que já está estabelecido, pois quem fazia o trabalho braçal dentro do lote era o seu marido. Dessa forma, a renda que provém do LAPO é obtida através das implementações feitas anteriormente e que até hoje geram resultados, como a venda de mel, venda de mudas, plantas medicinais, óleo de andiroba, venda de açaí, ovos, galinha caipira, hortaliças, perfumes e venda de frutas. Além disso, sua renda também se complementa por sua aposentadoria e pelas palestras e intercâmbios de conhecimento que ela realiza pelo estado.
Na Figura 3, podemos observar a nota geral de sustentabilidade em cada dimensão (social, ambiental e técnico-econômica), que mostra que apesar das dificuldades de Dona Téo em gerenciar sozinha seu sistema, visível na limitação da dimensão

social com nota 6,1 do total de 10, consideravelmente baixa em comparação as outras dimensões, ainda assim, seu sistema se mantém estável e produzindo sustentavelmente. Com destaque para a dimensão ambiental que obteve a nota mais alta, mostrando que seu sistema mantém uma boa estrutura ambiental, com diferentes tipos de espécies e arranjos produtivos, o que lhe permite ter a produção de diferentes produtos e alimentos para venda e consumo próprio, garantindo sua segurança e soberania alimentar.

Figura 3: Avaliação geral da sustentabilidade do LAPO.



Fonte: Pesquisa de campo (2022).

Atualmente a Dona Téo participa ativamente do coletivo de mulheres que têm como o objetivo potencializar e agregar valor aos produtos, como a andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.), priprioca (*Cyperus articulatus* L.), entre outras espécies vegetais nativas. Além disso, se tornou uma referência de liderança feminina dentro das áreas rurais, tendo em vista que, na agricultura familiar ainda existe um modelo de trabalho pré-estabelecido vindo da sociedade patriarcal que associa a mulher ao trabalho doméstico, a criação de pequenos animais e o cuidado das hortas e claro, à reprodução familiar (FERREIRA, 2009).

Segundo ela, apesar de todas as dificuldades, ela gosta de ser agricultora, a produção de alimentos saudáveis para ela é um compromisso de vida, comer o que ela mesma produz e compartilhar alimento com quem não tem, além de manter o legado que foi construído junto com seu marido de combater o projeto do capital e o avanço do agronegócio no campo. Ela enxerga a agroecologia como uma ferramenta de mudança, um projeto de vida em comparação ao projeto de morte da agricultura empresarial, buscando vida digna, alimentos saudáveis e inclusão para todos.

Dona Téo, sem filhos e com 71 anos, mantém seu sistema sustentável, produzindo e gerando renda. Surge como uma força de mudança do sistema patriarcal e patronal, pautado em uma ideologia de vida dela com o marido, onde tinham um sonho de conquistar seu lugar, produzir alimentos saudáveis, e fazer de sua propriedade um modelo a ser seguido, contribuindo para continuar a luta contra o monocultivo e o capitalismo através de uma produção agroecológica para todos.

Atualmente, tem como objetivo continuar no estabelecimento e continuar sendo um referencial agroecológico e político.

Conclusões

Conclui-se que apesar da dimensão técnica e principalmente, a dimensão social de dona Téo terem sido consideradas baixas para o valor ideal, ela obteve um resultado geral de sustentabilidade de 7,3, o que indica uma boa sustentabilidade, com dificuldade maior na grande demanda de trabalho dentro e fora da propriedade e pouca mão de obra disponível e de confiança para trabalhar no agroecossistema. Entretanto, a sustentabilidade ambiental do LAPO é muito evidenciada, com grande manutenção e diversificação de espécies em sua área e práticas de manejo sustentáveis que lhe permite produzir alimentos saudáveis e gerar renda.
Diante disso, podemos concluir a relevância de Dona Téo e de muitas outras mulheres agricultoras familiares que seguem firmes e fortes produzindo saberes e conhecimento a partir de seus sistemas e vivências, contribuindo com a disseminação da agroecologia pelo país. Dona Téo, a partir de seus ideais políticos e ideológicos, conseguiu, junto ao seu marido, construir um sistema que sempre idealizou, apesar de hoje em dia administrar sozinha o lote, com todas as dificuldades, ela ainda sim consegue mantê-lo em atividade e produzindo, e servindo como um grande referencial agroecológico e de liderança no campo.

Agradecimentos

Em especial a Dona Téo por ter aberto as portas de sua casa para nos receber. Ao Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônica (PPGAA/INEAF/UFPA) pela oportunidade pela viagem de campo. E à CAPES por nos possibilitar produzir novos trabalhos e contribuir para a pesquisa no Brasil.

Referências bibliográficas

ABE, Marlene Naoyo. **Mártires de Abril: O MST semeando a utopia camponesa.** Dissertação Programa de Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável, Universidade Federal do Pará, Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural/NEAF, Belém, 2004.

DA SILVA, Elen Cristina Pessôa. **Ter de onde partir:** uma experiência agroecológica no assentamento Mártires de Abril MST (Pará). In: IDeAS. Tese Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2012. p. 9-27.

FERREIRA, Ana Paula Lopes. A Importância da Perspectiva Agroecológica no Empoderamento das Mulheres Camponesas: Processo Mulheres e Agroecologia como Estudo de Caso. **Cadernos de Agroecologia**, v. 4, n. 1, 2009.

FERREIRA, Ana Paula Lopes; MATTOS; Luis Cláudio. **Convergências e divergências entre feminismo e agroecologia.** Cienc. Cult. vol.69 no.2 São Paulo Apr./Jun. 2017.

LÓPEZ-RIDAURA, Santiago; MASERA, Omar; ASTIER, Marta. Evaluating the sustainability of complex socio-environmental systems. The MESMIS framework. **Ecological indicators**, v. 2, n. 1-2, p. 135-148, 2002.

MENDONÇA, Gabriela Mariano; MARQUES, Paulo Eduardo Moruzzi. **Protagonismo feminino na agricultura agroecológica**: estudo de uma organização de controle social no assentamento Milton Santos. Retratos de assentamentos, v. 21, n. 2, p. 45-65, 2018.